

ÁREA TEMÁTICA:

- () COMUNICAÇÃO
- () CULTURA
- () DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- (x) EDUCAÇÃO
- () MEIO AMBIENTE
- () SAÚDE
- () TRABALHO
- () TECNOLOGIA

ENSINO DE GRAMÁTICA OU ANÁLISE LINGUÍSTICA? SERÁ QUE ESSA ESCOLHA É NECESSÁRIA?

Vanessa Christine Muniz (vanessinhamuniz@hotmail.com)

Eliane Santos Raupp (elianeraupp@uepg.br)

RESUMO – Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a seguinte questão: ensinar gramática ou análise linguística e tem como objetivo principal mostrar que não é preciso escolher uma nem outra, e sim, trabalhar com ambas. O ensino de gramática em seu início era basicamente uma transmissão de conteúdos, em que o professor passava seu conhecimento metalinguístico aos alunos e esses, por sua vez, só recebiam (não refletiam sobre) as informações. Há algumas décadas, teóricos como Perini, Possenti, Travaglia, Marcuschi e Antunes, entre outros, constataram que o ensino de gramática ainda permanece centrado nas regras prescritivas e nomenclaturas da língua, fazendo com que os alunos decorem os elementos gramaticais sem entender seu funcionamento em suas manifestações textuais e os apliquem em suas avaliações. Em contrapartida a essa metodologia, as Diretrizes Curriculares recomendam a análise linguística, a qual tem por objetivo possibilitar que os alunos compreendam as funções dos elementos gramaticais em contextos sociocomunicativos reais. Sendo assim, é importante destacar que o texto deve ser compreendido como ferramenta para o ensino das funções gramaticais. Nesse percurso os alunos devem estar cientes de que toda produção oral ou escrita é realizada por alguém para alguém e com um propósito sociocomunicativo definido.

PALAVRAS-CHAVE – Ensino. Gramática. Análise Linguística.

Introdução

Cabe aqui destacar que o presente trabalho é parte integrante do Projeto de Extensão Estudos de textos em contextos de ensino e aprendizagem, um Projeto vinculado ao Laboratório de estudo de textos (LET), Lotado no Departamento de Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa e se propõe a refletir sobre a importância do ensino e aprendizagem da gramática da Língua Portuguesa. O objetivo principal deste trabalho é refletir sobre as seguintes perguntas: *Ensino de gramática ou análise linguística? Será que essa escolha é necessária?*

Para se chegar a uma conclusão sobre essas questões serão primeiramente apresentadas algumas considerações sobre ensino de gramática e análise linguística, para que seja possível compreender teoricamente o que cada uma representa. Além disso, será apresentada e comentada uma entrevista realizada com acadêmicos da universidade e com algumas pessoas da comunidade externa.

Para iniciar este trabalho foi necessário verificar a situação atual do ensino de gramática, para isso foram utilizadas algumas informações que Irlandé Antunes apresenta em seu livro “Aula de português: encontro e interação”.

Para ela, o ensino de gramática ainda tem como base de seu ensino a memorização de regras e nomenclaturas.

“Nesse ensino é prioritariamente pretender que o aluno saiba o nome que as coisas da língua têm; ou seja, o que centraliza esse ensino é saber rotular, saber reconhecer e dar nome às coisas da língua”. (ANTUNES, 2003, p.87)

Antunes (2003, p. 31-32) cita uma lista de constatações em relação ao trabalho realizado com a gramática na escola, mencionada a seguir de forma resumida e parafraseada:

- Uma gramática descontextualizada: os conteúdos são trabalhados fora dos usos reais da língua...
- Uma gramática fragmentada: os elementos são trabalhados em frases soltas e isoladas, sem contexto.
- Uma gramática da irrelevância: as questões elaboradas são apenas para que os alunos memorizem as regras e saibam diferenciá-las, o que não irá contribuir para o desenvolvimento da competência comunicativa de cada sujeito.
- Uma gramática das excentricidades: o ensino da norma culta é predominante, pois essa é a língua usada por bons escritores e manuais de gramática, assim acaba-se esquecendo das variedades da língua, pois estão fora dos contextos previsíveis de uso da língua.
- Uma gramática voltada para a nomenclatura e classificação das unidades:

“Pelos limites estreitos dessa gramática, o que se pode desenvolver nos alunos é apenas a capacidade de ‘reconhecer’ as unidades e nomeá-las corretamente. Vale a pena lembrar que, de tudo que diz respeito à língua, a nomenclatura é a parte menos móvel, menos flexível, mais estanque e mais distante das intervenções dos falantes. Talvez, por isso mesmo, seja a parte ‘mais fácil’ de virar objeto das aulas de língua”.
(Antunes 2003, p.32)

Trabalhar apenas com a nomenclatura e classificação das unidades gramáticas exclui a possibilidade de reflexão dos alunos em relação ao que está sendo ensinado e aprendido.

- Uma gramática inflexível: petrificada, de uma língua supostamente uniforme e inalterável, irremediavelmente fixada num conjunto de regras que constam nos manuais...
- Uma gramática predominantemente prescritiva: preocupada apenas com os acertos. “[...] como se falar e escrever bem fosse apenas uma questão de ler e escrever corretamente, não importando o que se diz, como se diz, quando se diz e se tem algo a dizer.”

Esta visão trata a língua como algo homogêneo, imutável e ignora outros fatos e aspectos linguísticos que também são relevantes.

A partir dessas constatações, percebe-se que o ensino de gramática predominante nas escolas não valoriza as variedades da língua e nem permite que o aluno faça reflexões sobre sua própria língua. Com o intuito de colaborar para a melhoria deste ensino, as Diretrizes Curriculares para o ensino de língua portuguesa no Estado do Paraná apresentam como sugestão a perspectiva da análise linguística, a qual é uma forma importante para se compreender como a Gramática da Língua funciona, “essa prática abre espaço para as atividades de reflexão dos recursos linguísticos e seus efeitos de sentido nos textos” (PARANÁ, 2008, p 77).

Para Mendonça (2006, p. 205), “o termo análise linguística, surgiu para denominar uma nova perspectiva de reflexão sobre o sistema linguístico e sobre os usos da língua, com vistas ao tratamento escolar de fenômenos gramaticais, textuais e discursivos.”

O objetivo central dessa perspectiva é a reflexão, ou seja, fazer com que os alunos reflitam sobre os elementos e fenômenos linguísticos e sobre as estratégias discursivas, focalizando os usos da linguagem. Além disso, a análise linguística (AL), também é fundamental para o desenvolvimento das competências de produção e interpretação de textos. Para que se possa compreender o que é análise linguística, seguem alguns itens citados por Mendonça (2006, p.207) os quais diferenciam o ensino de gramática da prática de análise linguística.

Ensino de gramática	Prática de análise linguística
Concepção de língua como sistema, estrutura inflexível e invariável.	Concepção de língua como ação interlocutiva situada, sujeita a interferências dos falantes.
Fragmentação entre eixos de ensino: as aulas de gramática não relacionam necessariamente com as de leitura e de	Integração entre os eixos de ensino: a AL é ferramenta para a leitura e a produção de textos.

produção textual.	
Metodologia Transmissiva, baseada na exposição dedutiva (do geral para o particular, isto é, das regras para o exemplo) + treinamento.	Metodologia reflexiva, baseada na indução (observação dos casos particulares para a conclusão das regularidades/ regras).
Privilégio das habilidades metalinguísticas.	Trabalho paralelo com habilidades metalinguísticas e epilinguísticas.
Ênfase nos conteúdos gramaticais como objetos de ensino, abordando isoladamente e em sequência mais ou menos fixa.	Ênfase nos usos como objetos de ensino (habilidades de leitura e escrita), que remetem a vários outros objetos de ensino (estruturais, textuais, discursivos, normativos), apresentados e retomados sempre que necessário.
Centralidade na norma padrão	Centralidade dos efeitos de sentido
Ausência de relação com as especificidades dos gêneros, uma vez que a análise é mais de cunho estrutural e, quando normativa, desconsidera o funcionamento desses gêneros nos contextos de interação verbal.	Fusão com o trabalho com os gêneros, na medida em que contempla justamente a intersecção das condições de produção dos textos e as escolhas linguísticas.
Unidades privilegiadas: a palavra, a frase e o período.	Unidade privilegiada: o texto.
Preferência pelos exercícios estruturais, de identificação e classificação de unidades/funções morfosintáticas e correção.	Preferência por questões abertas e atividades de pesquisa, que exigem comparação e reflexão sobre adequação e efeitos de sentido.

Fonte: Mendonça (2006, p. 207)

Segundo Mendonça (2006, p.208):

AL é a reflexão recorrente e organizada, voltada para a produção de sentidos e / ou para a compreensão mais ampla dos usos e do sistema linguísticos, com o fim de contribuir para a formação de leitores – escritores de gêneros diversos, aptos a participarem de eventos de letramento com autonomia e eficiência.

Diante das considerações apresentadas sobre o ensino de gramática e a prática da análise linguística, pode-se observar que há diferenças significativas na abordagem das questões gramaticais. Cabe tentar responder as questões que regem este trabalho, mas antes, lançamos mais uma pergunta: será que esta escolha é mesmo necessária? Não, não é, desde que se compreenda que ensinar gramática deve ocorrer de modo reflexivo, em textos, em usos reais da língua (para se compreender a função dos elementos gramaticais) e para que se compreenda como se portar linguisticamente em diferentes contextos. Assim, ensinar gramática será necessariamente ensinar análise linguística, ou seja, se o professor compreende que ensinar gramática é favorecer a reflexão sobre os usos linguísticos, automaticamente ele irá ensinar por meio de análises linguísticas.

Assim, fica claro que esta escolha dependerá da concepção do que é ensinar gramática e do que é gramática, o que dependerá diretamente de uma concepção que se tem de língua, pois, se a língua for considerada como aponta Antunes (2009, p 34) “um sistema abstrato, virtual apenas, despregado dos contextos de uso, sem pés e sem face, sem vida e sem alma, ‘inodora, insípida e incolor’, os resultados não serão satisfatórios, destaca Antunes (2009, p.34) que são bem conhecidos: “o declínio da fluência verbal, da compreensão e da elaboração de textos mais complexos e formais, da capacidade de leitura da linguagem simbólica, entre muitas outras perdas e reduções.”

É preciso nas aulas de português fazer com que os alunos reflitam sobre o que estão aprendendo e não se conformem com o que está estabelecido, é importante que eles aprendam a questionar e chegar às suas próprias conclusões em relação ao que estão aprendendo.

Objetivos

- Refletir sobre a situação atual do ensino de gramática
- Entender o que é análise linguística e as melhorias que ela possibilita para o ensino de língua materna.
- Apresentar a visão de alunos do Curso de Letras e sociedade em geral sobre o ensino de gramática.

Referencial teórico-metodológico

Primeiramente foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre os temas apresentados no título do trabalho para que fosse possível fazer uma reflexão. Em seguida foi realizada uma entrevista com algumas pessoas da comunidade universitária e outras da comunidade não universitária, para verificar a opinião de diferentes pessoas sobre as seguintes questões:

1. O que é gramática para você?
2. O que é ensinar gramática (o que e como deve ser ensinado)?
3. Você sabe o que é análise linguística? Pode explicar o que é?
4. Qual o seu nível de escolaridade?
5. Há quanto tempo você está afastado da escola?

Resultados

Foram entrevistadas seis pessoas (um número razoável para chegar a uma conclusão e possibilitar um “ponta pé” inicial, para um trabalho maior), dentre essas seis pessoas, três eram da comunidade externa à faculdade, com mais de trinta anos de afastamento escolar, duas eram acadêmicas do último ano do curso de Letras e uma acadêmica do primeiro ano de Odontologia.

Foi observado que os acadêmicos do 4º ano do curso de Letras demonstram considerações mais aproximadas dos conceitos teóricos que defendem o ensino de análise linguística, apontando que *“o ensino de gramática deveria ser, desde o início do letramento, trabalhada a partir de textos, pois de acordo com alguns teóricos, estamos cercados de textos, que são produzidos com alguma intenção e através dos gêneros”* e *“Acredito que devemos abordar a gramática a partir de textos dos mais variados gêneros, pois nos comunicamos através de enunciados, que estão inseridos em um determinado contexto sócio-histórico e cultural, para um determinado público alvo, com uma intenção, não por frases soltas, descontextualizadas”*. O acadêmico voluntário do primeiro ano de odontologia disse que ensinar gramática é *“ensinar o modo de escrita correto com todas as normas da língua. Deve ser explicado a função de cada elemento na frase, os motivos de cada concordância ser daquela forma, por exemplo, e feita análise de um bom número de frases como exemplo, com auxílio do professor mas com participação ativa dos alunos, incentivando o pensamento e o uso da lógica dos mesmos”*.

Dois voluntários da comunidade externa alegam que nunca tiveram este tipo de ensino em suas aulas de Português. O terceiro voluntário da comunidade externa, já possui uma visão mais específica do que vem a ser gramática e análise linguística, apontando que ensinar gramática *“É ensinar como ler e escrever usando as várias formas linguísticas, deve ser ensinado com clareza, com exemplos, e com competência”*.

Considerações Finais

Com esta análise chega-se a conclusão de que os voluntários da comunidade externa alegam nunca terem tido este ensino de gramática, talvez porque nunca lhes foram apresentados, os conteúdos de gramática como elementos que possuem funções dentro de um contexto, a julgar pelo tempo em que estão afastados da escola, o ensino que tiveram provavelmente foi tradicional, no qual os professores apenas transmitiam os conteúdos. Já com os alunos do quarto ano do curso de Letras, fica nítida a concepção reflexiva que possuem, provavelmente, porque nos quatro anos de estudos viram esta perspectiva como uma opção fundamentada para a melhoria do ensino da língua materna. É importante destacar que estes dois acadêmicos

fazem parte de um projeto de pesquisa, o qual corrobora para estudos mais profundos sobre o tema.

Referências

ANTUNES, Irandé Costa. **Aula de português: encontro e interação**. 8ª ed. São Paulo: Parábola editorial, 2003

_____. Irandé C. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. 2ª Edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C; MENDONÇA, M. org. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares Estaduais. Língua Portuguesa, ensino fundamental**; Curitiba, 2008.